

O ALGODOEIRO E A CARRAPATEIRA SEGUNDO PIES E MARKGRAF

Trad. de D. BENTO PICKEL,

Emquanto a cana de açúcar e a mandioca foram plantadas em grande escala no século 17, as outras culturas não receberam a atenção dos colonizadores. Isto vale também para o algodoeiro e a carrapateira.

O algodoeiro

“O algodoeiro cultivado pelos indígenas é ainda hoje encontrado no interior de Pernambuco, crescendo espontaneamente no mato ou perto das casas. E’ descrito por Markgraf do modo seguinte (*Historia naturalis Brasiliae*, Lib. 2, cap. 2, pg. 59) : O “aminiiu” dos Brasilienses e o algodon dos Lusos, que chamam a planta “algodaon”, é um *Gossypium*. Cresce quasi á altura da aveleira, tem lenho mole e casca e semelhante á do sabugueiro. As folhas são tenras e moles, verde-gaias em cima e mais escuras em baixo ; são divididas em tres lacinias, cada uma com suas nervuras e veias. Aqui e acolá nascem, por entre tres foliolos profundamente serreadas e pontilhadas, semelhantes ás bractees que envolvem as avelãs verdes, uma flor elegante, maior que a rosa, que consta de cinco petalas largas, elegantemente amarelas, tendo no meio, por dentro, unhas purpureas, e no centro, um estame amarelo provido de tuberculos da mesma côr (i. é o androginoforo). Depois da flôr surge um

capulho oval, do tamanho de um ameixa, agudo em uma das extremidades, parecido a um cone com tres sulcos e separavel em outras tantas partes; é verde, coberto de pontos negros na superficie exterior. Maduro tem côr fusca e abre espontaneamente em tres partes, saindo de cada uma dessas tres capsulas algodão alvissimo, havendo em cada floco um conjunto de sete sementes negras, do tamanho de pistacias e quasi da mesma figura havendo debaixo do tegumento preto um caroço de carne branco amarelada, gordurosa como a amendoa, de sabor doce, mediante o qual a planta se propaga”.

João de Laet, redactor do livro em questão, acrescenta em sua Anotação que plantou na Antuerpia sementes de algodão que recêbera do Brasil, disendo que as sementes são muito menores que Pistacias, porem, as sete sementes que quasi ficam unidas, não ultrapassam muito aquele tamanho de um caroço de Pistacia.

Trata-se, portanto, de algodão brasileiro, chamado “Inteiro” ou ‘Rim de boi’ (*Gossypium brasiliense* Mocfd.)

Pies, em seu livro: *De indiae utriusque re naturali et medica* (Lib 4, cap. 34, pag. 186) descreve o algodoeiro mais ou menos com as mesmas palavras com Markgraf, embora mais resumidamente e apresenta uma estampa.

A carapateira

“Sobre esta planta Pies escreve no cap. 51 (Lib. 4, pg. 91) epigrafado: “Nhambu guaçu” ou “Figueiro d’Inferno” o seguinte na *Historia na uralis Brasiliae*: “O Brasil produz duas especies de *Ricinus*, uma maior e outra menor. Ambas são arborescentes, de belo aspeto, e não só silvestres e sim até cultivadas nas hortas. Possuem caule alto e flores branco-amareladas e folhas bonitas, de forma estrelada e recortadas que se expandem amplamente ao redor. Verdeja sempre e produz sementes verdes e maduras ao mesmo tempo, sendo estas negras com manchas cinsentas, chamadas pelos Lusos de “Carapatos”; elas ficam inclusas em capsulas espinhentas e pegajosas, abrem espontaneamente e são repletas de uma substancia gordurosa e medulosa. Os indigenas colhem as sementes em qualquer tempo do anno, sécamao sol e, depois de bem sêcas,

pisam-nas e cosinham na agua, apanhando o oleo que nada á tona. Os Belgas e Lusos expremam-nas á maneira das aseitonas. Empregam o oleo nas lampadas, porque substitue o usual. Nem por isso, porem, é de somenos utilidade, pois, os habitantes o tem em uso constantemente todos os dias contra as afecçõess frigiditas internas e externas, e assim substitue o melhor oleo europeu.

E' quente no terceiro gráu. Amadurece os apostemas e cura as dores uterinas, as intestinais e a flatulencia, quando aplicado em pomada; é util nas timpanites, restitue o vigor aos membros luxados e convulsionados. Tres ou quatro gotas tomadas em qualquer outro liquido, seja por via bucal ou aboral cura a rigides articular, mas ao mesmo tempo são laxantes. Alimpa a péle da sarna e de outras afecções externas do corpo. Ungindo o umbigo, expéle as lombrigas das creanças.

A semente da carrapateira é catartica, muito mais que o proprio oleo. Purga os humores malignos por cima e por baixo e, por isso, exige preparação. Convem, a saber, macerar um certo numero de sementes em espirito de vinho generoso, em lugar de corretorio, tomando depois uma ùncia a colheradas, para obter uma evacuação benigna dos humores fecais.

Se alguem quizer tomar as sementes puras, os indigenas não acham muito seguro tomar mais que sete, embora Dodo-neu o aconselhe.

As folhas maceradas em agua ou vinagre são um remedio contra o herpes e outras afecções desta especie, como prova Dioscorides e minha exoeriencia cotidiana".

Pies fala neste trecho ainda de outra especie de carrapateira, cultivada nas hortas, fazendo crer tratar-se de uma *Ricinus*. Na segunda edição do livro, i, é em "De Indiae utriusque re naturali et medica", Lib. 4, cap. 31, pg. 180. separa esla ultima especie da primeira, disendo que é chamada pelos Lusos de "Figuero d'Inferno". De fato, trata-se aqui da zabumba roxa (*Datura fastuosa* L.), cultivada nos jardins e cujo fruto tem alguma semelhança com o da carrapateira, o que motivou a confusão.

Na segunda Edição Pies apresenta uma estampa de *Ricinus communis* e descreve esta planta com as palavras textuais

ou quasi, que Markgraf empregára na *Historia naturalis Brasiliae*, Lib. 2, Cap. 14, pg. 77, pelo que sigo ao texto deste ultimo.

“O “Nhambu guaçu” dos Brasilienses é uma especie de *Ricinus*, um frutice que se expande em muitos ramos, sendo a côr do caule semelhante á da nogueira. Tras folhas com pediculos compridos, os quais são fixos no centro da folha; estas são grandes e divididas em oito ou nove lacínias acuminadas, serreadas no contorno, e partindo do centro da folha saí uma nervura longitudinal para todas as lacínias. São elegantemente verdes em baixo e verde-escuras em cima, moles ao tato, tenras e amarelecendo logo que forem arrancadas. Na extremidade dos ramos nascem pedicelos isolodos, com series alternadas de uma especie de espigas, cada qual sobre um pedunculo proprio, que produzem globulos verdes e lisos, cinco ou seis juntos, á maneira de uva, e abrindo se mostram flores pequenas e subtis da forma das de sabugueiro, porem muito menores e de côr branco amarelada. São deciduas e reunidas em grande numero formando um cacho elegante, com perfume quasi como as do sabugueiro (como aliás toda a planta tem cheiro parecido). Depois da floroda sucedem uns corpos globulosos, verdes, com umbigos de côr de cinabrio, do tamanho de uma avelã, todo hispido em redor como ouriço, cinquenta ou sessenta reunidos em cacho, que são os frutos. O fruto maduro enegrece e abre espontaneamente em (tres raro em quatro) partes ou capsulas, abrindo se cada uma por sua ves, abrindo uma noz lisa, de côr cinsenta e com manchas pretas elegantes, de figuro e tamanho de pistacias. A noz aberta (coberta apenas por um tegumento fragil) encerra um nucleo alvissimo e oleaginoso, do qual se expreme um oleo. Quando o fruto é maduro, abre crepitando, saltando as partes, se fôr tocado com as mãos”.